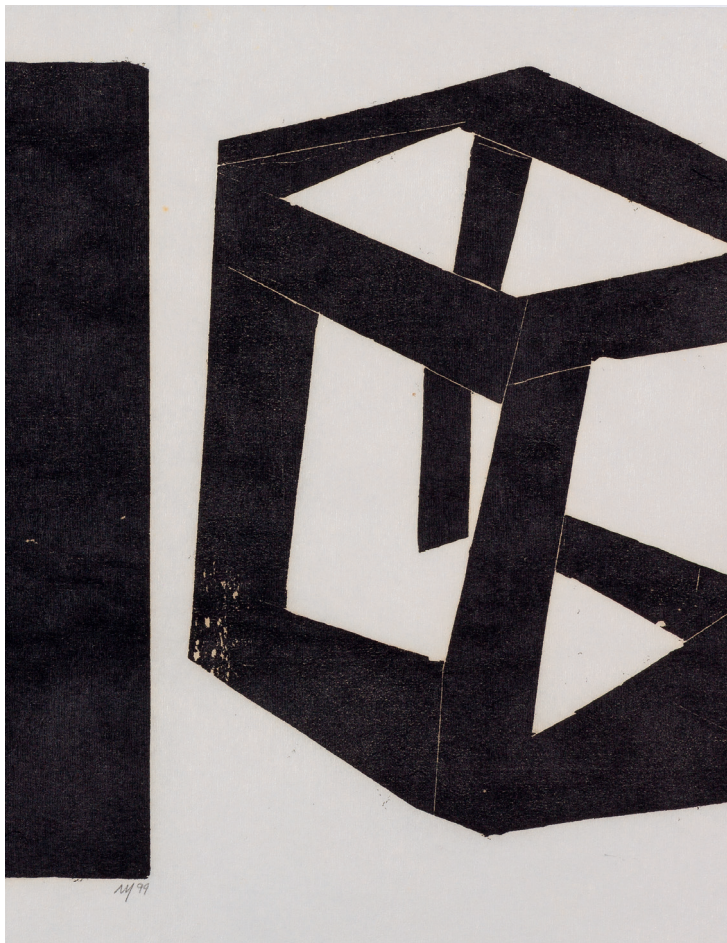


temporada osep 2019

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO POR
MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA E FUNDAÇÃO
OESP APRESENTAM



CONCERTOS SINFÔNICOS
10, 11 e 12 .10

futuros do passado

10.10 quinta 20H30 PAU-BRASIL

11.10 sexta 20H30 SAPUCAIA

12.10 sábado 16H30 JEQUITIBÁ

**ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO
DE SÃO PAULO – OSESP**

MARIN ALSOP REGENTE

WU WEI SHENG

HUANG RUO VOZ

HUANG RUO [1976]

Shattered Steps [2006]

12 MIN

*A Cor Amarela - Concerto Para Sheng e
Orquestra de Câmara* [2007]

20 MIN

/INTERVALO

20 MIN

GEORGE GERSHWIN [1898-1937]

Abertura Cubana [1932]

10 MIN

Um Americano em Paris [1928]

20 MIN

HUANG HUO

Shattered Steps

O título *Shattered Steps* [*Passos fragmentados*], em chinês 碎步 (*Sui Bu*), tem dois significados: 1) passos quebrados; 2) pequenos passos em movimento contínuo e rápido. O ponto de partida de toda uma jornada orquestral começa com uma mistura dessas duas definições.

O movimento encadeado de pequenos passos é a energia motriz da peça. Esse pulso está constantemente presente, onde quer e quando quer que a música transite. Essa força se reveza entre os vários instrumentos musicais, da percussão às madeiras, das madeiras às cordas, depois passando para os metais etc.

A obra inteira é escrita, também, de modo enigmático, em estrita relação com a imagem de uma série de passos fragmentados que não pertencem a ninguém, e não têm ponto de origem nem de finalização. Totalmente despedaçados em muitos fragmentos, ainda assim estão estritamente conectados uns com os outros. Tudo que existe nessa imagem é um momento congelado de um movimento em curso. Também é como um quebra-cabeça, à espera de que todas as peças – os passos fragmentados – se combinem novamente em sua forma original. Na paisagem sonora, o enigma será revelado somente no final da obra, após a apresentação de séries de fragmentos musicais.

A concepção de *Shattered Steps* também proveio de uma melodia simples que compus durante minha viagem às montanhas na Província de Guizhou, no sudoeste da China. Essa melodia, que compartilha elementos de folclore chinês, rock e música contemporânea, pertence ao presente do passado e continua no futuro do presente. Depois, gravei esse tema em duas faixas diferentes com minha própria improvisação vocal. Uma delas serve de introdução, a outra chega a uma conclusão no final da obra. Neste concerto, eu a canto ao vivo, como improvisação vocal.

HUANG HUO

*A Cor Amarela - Concerto Para Sheng e
Orquestra de Câmara*

O *Sheng*, órgão de boca chinês, instrumento tradicional com mil anos de existência na China, é mencionado frequentemente como um ancestral do órgão ocidental. O *sheng* moderno contém 37 tubos de bambu, indo da nota Sol logo abaixo do Dó central, até o Sol mais agudo da clave de sol, completando quatro oitavas e incluindo todas as notas cromáticas ali contidas.

Criar um concerto para uma orquestra ocidental com solo de um instrumento chinês não é tarefa fácil. Meu desafio foi mesclar esses instrumentos tão diferentes dos mundos oriental e ocidental num todo consolidado, não só porque soam de modo diverso, mas também porque possuem afinações diferentes. Uma de minhas soluções foi mudar a afinação dos instrumentos orientais e ocidentais e usar os sons que estão *entre* as alturas, depois fundi-los num grande recipiente a fim de criar um terreno comum, para que possam expressar livremente seu próprio caráter e identidade.

O título de meu concerto para *sheng* e orquestra de câmara é *A Cor Amarela*. Amarelo é a cor da pele, amarela é a Terra Amarela, amarelo é o rio Amarelo, e amarela é a montanha Amarela. É uma peça que ecoa o passado, enuncia o presente e prevê o futuro. O que é exatamente a cor amarela? Cabe a vocês interpretarem...

[A peça foi] encomendada pela Orquestra Sinfônica de Albany (NY), e foi escrita para o virtuose de *sheng* Wu Wei [...].

[2018]

HUANG RO

COMPOSITOR VISITANTE DESTA TEMPORADA, O CHINÊS
RADICADO EM NOVA YORK É DOUTOR EM COMPOSIÇÃO
PELA JUILLIARD SCHOOL E LECIONA NO MANNES COLLEGE
OF MUSIC DA NEW SCHOOOL, EM NOVA YORK.
TRADUÇÃO DE PAULO GEIGER.

GEORGE GERSHWIN

Abertura Cubana

Durante duas semanas, em 1932, Gershwin visitou Cuba e a música que ouviu na ilha lhe causou uma impressão indelével. Segundo ele mesmo viria a declarar, "não dormimos nada, mas a quantidade e qualidade da diversão compensaram a falta de sono". Foi a exuberância dos ritmos, a malemolência do povo, a animação da vida que pulsava nas praças e nos cafés, a alegria espontânea, tudo aquilo que nos acostumamos a relacionar ao temperamento latino que inspiraram Gershwin a compor sua *Abertura Cubana*, inicialmente chamada simplesmente de *Rumba*. Nela, têm especial relevo os instrumentos de percussão típicos, como claves, maracas e bongôs; se destaca igualmente a influência das danças caribenhas, que ajudam a criar uma base rítmica constante, dando à peça particular leveza e sonoridade ondejante.

Além da percussão incomum em peças orquestrais e dos ritmos de dança latinos, Gershwin introduziu citações de peças que faziam sucesso na época: *Échale Salsita*, do *rumbero* cubano Ignacio Piñeiro, e *La Paloma*, composta depois de uma visita a Cuba pelo basco Sebastián Yradier, cuja música frequentemente foi confundida com folclore (é de sua pena o tema utilizado por Bizet na famosa *Habanera* de *Carmen*).

A mistura da sofisticação do colorido orquestral com as influências culturais habilmente mescladas, acrescidas de certa dose de ingenuidade na própria imagem hollywoodiana de paraíso tropical em que todos dançam, cantam, bebem e são felizes colaborou para o sucesso instantâneo obtido pela peça em sua estreia, no mesmo ano de 1932.

GEORGE GERSHWIN

Um Americano em Paris

Em 1926 Gershwin foi a Paris, onde se reunia a nata da *intelligentsia* musical. Já era um compositor aclamado, muito longe do humilde Jacob Gershowitz do início de carreira e queria mergulhar no ambiente refinado da capital francesa, respirar os ares rarefeitos partilhados pelos maiores artistas europeus da época. Sem dúvida pretendia também promover a aceitação de sua música pela elite cultural, uma vez que esta já fora amplamente abraçada pelo público e, diga-se de passagem, era extremamente lucrativa. São famosas e emblemáticas as duas histórias em que o compositor americano teria pedido aulas de orquestração a dois dos compositores mais festejados do momento, Ravel e Stravinsky. Ambos teriam declinado a honra, com respostas que se tornaram folclore. Ravel teria dito: "Mas por que virar um Ravel de segunda classe se você pode ser um Gershwin de primeira"? Já o mestre russo teria perguntado ao americano quanto este ganhava com suas composições e, diante da resposta, teria replicado: "Eu é que deveria ter aulas com você".

Segundo historiadores, as anedotas são provavelmente apócrifas, espalhadas pelo próprio compositor e sua família. Mas, seja como for, são prova de seu desejo autêntico de se inserir no meio da música "séria", uma ambição que esbarrava em resistência velada. Ainda hoje não sabemos bem como classificar a obra de Gershwin, descrito como o mais popular dos compositores clássicos ou, ao contrário, o mais clássico dos compositores populares.

O fato é que ele acabou por se tornar amigo dos compositores europeus que tanto admirava e Ravel se deixou influenciar pelo jazz, assim como Gershwin se deixara influenciar pela música impressionista. Apenas no nosso século, em que o jazz está perdendo a conotação popular e está cada vez mais entrando no nicho do "erudito", a música de Gershwin, com suas raízes fortemente plantadas nos dois universos, vai finalmente encontrando lugar nas salas de concerto, sem receber a pecha de intrusa na programação, ou reles concessão ao gosto de plateias menos sofisticadas.

É exatamente a temporada parisiense do compositor que foi evocada em *Um Americano em Paris*. Encomendada por Walter Damrosch em 1928, a composição é baseada em *Very Parisienne*, escrita por Gershwin durante a estadia de 1926, como agradecimento ao casal Shirmer, que o havia hospedado. Chamada por ele mesmo de *Balé Rapsódico*, descreve seu encantamento com a vida na capital francesa.

A peça é dividida em seções que refletem ora um estado de espírito despreocupado – um passeio agradável às vezes interrompido pela rudeza das buzinas – ora um sentimento de alegria levemente tingido de nostalgia, no qual os ritmos e harmonias bem americanos que caracterizam o protagonista se misturam a uma escrita informal remanescente da linguagem dos compositores contemporâneos franceses. A elegância dos trajes e gestos, o esplendor das festas, as luzes da cidade, os passeios a pé, o clima de flerte, liberdade e boemia permeiam a obra, e acabam constituindo sua espinha dorsal. Gershwin faz uso dos instrumentos tradicionais da orquestra sinfônica, com a adição de celesta, saxofones e uma seção de percussão apreciável que inclui... quatro buzinas de carro!

Em 1951 foi lançado o musical *Um Americano em Paris*, inspirado na obra orquestral homônima, com canções adicionais de George e Ira Gershwin, tendo Gene Kelly e Leslie Caron nos papéis principais. O filme foi um sucesso estrondoso, recebeu seis *Oscars* e ajudou a firmar a reputação de George Gershwin como um dos maiores compositores norte-americanos de todos os tempos.

LAURA RÓNAI

É DOUTORA EM MÚSICA, RESPONSÁVEL PELA CADEIRA DE FLAUTA TRANSVERSAL NA UNIRIO E PROFESSORA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. É TAMBÉM DIRETORA DA ORQUESTRA BARROCA DA UNIRIO.



ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Fundada em 1954 e hoje reconhecida internacionalmente por sua excelência, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Em 2012, Marin Alsop tornou-se Regente Titular, tendo sido nomeada Diretora Musical em 2013 (até o fim de 2019). Em 2020, Thierry Fischer assumirá o posto de Diretor Musical. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê pela China e Hong Kong. No ano passado, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtchevsky — projeto que se soma a seus mais de 80 álbuns lançados — recebeu o Grande Prêmio da *Revista Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.



MARIN ALSOP REGENTE E DIRETORA MUSICAL DA OSESP

Regente titular da Osesp desde 2012, a nova-iorquina Marin Alsop é também Diretora Musical da Sinfônica de Baltimore desde 2007. Apresenta-se regularmente com orquestras como as Sinfônicas de Londres e de Chicago. À frente da Osesp, apresentou-se nos principais centros musicais da Europa, como Berlim, Salzburgo e Amsterdam, além dos Festivais de Lucerna e BBC Proms. A partir de 2020, quando termina seu mandato, ela será Regente de Honra da Osesp e Regente Titular da Orquestra Sinfônica da Rádio de Viena.



WU WEI SHENG

PRIMEIRA VEZ COM A OSESP

Trazendo o instrumento antigo para a música contemporânea, o chinês já estreou mais de 400 peças de compositores como Unsuk Chin (Compositora Visitante da Osesp, 2017), Jukka Tiensuu, Bernd Richard Deutsch, Enjott Schneider e Huang Ruo (Compositor Visitante desta temporada). Já tocou com orquestras como as Filarmônicas de Berlim, de Los Angeles e as Sinfônicas da BBC e de Tóquio. Na Alemanha, venceu o concurso Musica Vitale e recebeu os prêmios German Global Root e German Record Critics' Award, sendo também nomeado o melhor solista no Concurso de Música Chinesa.

**ORQUESTRA SINFÔNICA DO
ESTADO DE SÃO PAULO**

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR
MARIN ALSOP

VIOLINOS

EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON SPALLA***
YURIY RAKEVICH
LEV VEKSLER*** EMÉRITO
ADRIAN PETRUTIU
IGOR SARUDIAISKY
MATTHEW THORPE
ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH WANDERLEY DOS SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSE
IRINA KODIN
KATIA SPASSOVA
LEANDRO DIAS
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS

HORÁCIO SCHAEFER EMÉRITO
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIRES
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
ALEN BISCEVIC*

VIOLONCELOS

HELOISA MEIRELLES
RODRIGO ANDRADE SILVEIRA
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS
WILSON SAMPAIO

CONTRABAIXOS

ANA VALÉRIA POLES
PEDRO GADELHA
MARCO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPA

LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS

CLAUDIA NASCIMENTO
FABIOLA ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS SOUZA LOPES
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS

ARCÁDIO MINCZUK
JOEL GISIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA

CLARINETES

OYANIR BUOSI
SÉRGIO BURGANI
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS
GIULIANO ROSAS

FAGOTES

ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LINAREZ
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS

LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES

FERNANDO DISSENHA
GILBERTO SIQUEIRA EMÉRITO
ANTONIO CARLOS LOPES JR. ***
MARCELO MATOS

TROMBONES

DARCIO GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO

DARRIN COLEMAN MILLING

TUBA

FILIPE QUEIRÓS

TÍMPANOS

ELIZABETH DEL GRANDE EMÉRITO
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO

RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANESELLA
RUBÉN ZUÑIGA

TECLADOS

OLGA KOPYLOVA

**MÚSICOS CONVIDADOS DO
PROGRAMA**

BRUNO LOURENSETTO TROMPETE
DOUGLAS BRAGA SAX ALTO
FÁBIO FREITAS SAX BARÍTONO
GUILHERME RODRIGUES SAX TENOR
LEONARDO CAIRE PERCUSSÃO
RAFAEL CABOCLÔ VIOLONCELO
THIAGO LAMATTINA PERCUSSÃO

(*) MÚSICO CONVIDADO
(***) CARGO INTERINO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS
EM ORDEM ALFABÉTICA, POR
CATEGORIA. INFORMAÇÕES
SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

GOVERNADOR
JOÃO DORIA

**SECRETARIA DE CULTURA E
ECONOMIA CRIATIVA DO
ESTADO DE SÃO PAULO**

SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO

SECRETÁRIA EXECUTIVA
CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSEP

PRESIDENTE DE HONRA
**FERNANDO HENRIQUE
CARDOSO**

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE

VICE-PRESIDENTE
ANTONIO CARLOS QUINTELLA

CONSELHEIROS
**ENEIDA MONACO
HELIO MATTAR
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÔNICA WALDVOGEL
PAULO CEZAR ARAGÃO
STEFANO BRIDELLI**

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA



REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSEP



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



OBRA DA CAPA

Alberto Martins

São Paulo, SP, 1958

Sem título, 1999

xilogravura sobre papel

37 x 47 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Doação da Associação Cultural dos Amigos dos

Museus Castro Maya, 2003

Crédito fotográfico: Isabella Matheus

Serviços Sala São Paulo

   /osesp

osesp.art.br

salasaopaulo.art.br

fundacao-osesp.art.br